

Entre a prosa e o verso: a mediação comunicativa do local na literatura de cordel a partir de Raul Lampião do Crato

Between verse and prose: communicative mediation of the place in cordel literature from Raul Lampião do Crato

Denísia Souza de OLIVEIRA¹
Maria Angela PAVAN²

Resumo

Este trabalho aborda a literatura de cordel como dispositivo de mediação do local. Utiliza como *corpus* o folheto intitulado Vida e Arte de Raul Lampião do Crato, personagem cratense que comemora dez anos de atuação em 2019. Recorre-se à teoria das mediações proposta por Martín-Barbero (1997) para pensar as matrizes históricas da mediação de massa, bem como ao novo mapa das mediações recriado por Lopes (2019) com vistas a orientar a identificação dos elementos articuladores de sentido que compõem a narrativa analisada. As considerações finais indicam que a literatura de cordel ainda se constitui como lugar privilegiado de mediação para fazer circular as questões cotidianas.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Mediações. Cotidiano.

Abstract

This paper discusses cordel literature as a communicative mediation device of the place. It uses as corpus the booklet produced by Josenir Alves de Lacerda about the life and art of Raul Lampião do Crato, a character from the city of Crato who celebrates ten years of acting in 2019. Martín-Barbero's theory of mediation is used to think about the historical bases of the mass mediation, as well as the map recreated by Lopes (2019) to identify the articulating elements of meaning that build the narrative of the analyzed cordel pamphlet. The final considerations indicate that cordel literature is still a privileged place for mediation, especially to circulate daily issues.

Keywords: Cordel literature. Communicative mediation. Daily life.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/RN). Email: denisiasouza@hotmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/RN). Email: gelpavan@gmail.com

Introdução

*Tem gente que dá exemplo
Numa palavra que diz
Num dito, num pensamento
Numa música de raiz
Ou na frase de efeito
Que mostra a regra e o jeito
Ideal pra ser feliz.
(Josenir Alves de Lacerda, 2011)*

Esses são os versos que compõem a estrofe de abertura do folheto de cordel intitulado “Vida e Arte de Raul Lampião do Crato”, publicado pela Academia dos Cordelistas do Crato, no Ceará. A obra, escrita pela cordelista cratense Josenir Alves Lacerda, conta a história de um híbrido contemporâneo de comunicação. Trata-se de Raul Lampião do Crato, uma figura disposta fisicamente com atributos do cantor Raul Seixas — corpo esguio, cabelo e barba longos, adornada com acessórios da indumentária cangaceira: chapéu, cartucheiras e sandálias de couro, inspirado em Lampião.

Comemorando dez anos de atuação em 2019, Raul Lampião do Crato realiza atividade laboral de propaganda volante com o auxílio de um carro de som adaptado no centro comercial da cidade do Crato, localizada no interior sul do Ceará. Suas práticas comunicativas articulam negociações nas quais se sobressaem ora elementos e características de natureza econômica, ora elementos e características de natureza social e cultural, fator que tem lhe proporcionado alcançar espaços de visibilidade por meio de diferentes narrativas midiáticas.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo analisar a produção narrativa da literatura de cordel enquanto dispositivo de mediação comunicativa sobre fenômenos culturais locais. Trata-se, especificamente, de buscar compreender como o folheto de cordel produzido sobre o personagem Raul Lampião do Crato negocia sentidos que dialogam com as instâncias da produção, do produto e da recepção.

Recorre-se, fundamentalmente, à teoria das mediações proposta por Martín-Barbero (1997), enquanto referencial teórico, para pensar as matrizes históricas da mediação de massa, bem como ao novo mapa das mediações recriado por Lopes (2019) com vistas a orientar a identificação dos elementos articuladores de sentido que compõem a narrativa analisada.

A literatura de cordel pela perspectiva da teoria das mediações

“Fazer comunicável sua memória e sua experiência” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 142) se apresenta como uma necessidade cultural experimentada pela humanidade, mas as classes populares vivenciam a manifestação concreta dessa experiência por meios e modos de expressão que ora se aproximam, ora se afastam dos meios e modos de expressão que veiculam narrativas produzidas pela mídia hegemônica.

Ao descrever e analisar as matrizes históricas da mediação de massa, Martín-Barbero (1997) situa a literatura de cordel como uma produção cultural que a partir do século XVII influenciou o trânsito das classes populares da oralidade para a escrita, bem como a transformação do folclórico em popular na América Latina. Nesse sentido, o autor esclarece que o uso estético da linguagem ocorre textualmente em forma de versos e que a leitura é orientada para ser declamada coletivamente.

Os folhetos pertencentes à literatura de cordel, cuja origem é europeia, constituem-se como meios pelos quais estão registradas as impressões do povo a respeito dos acontecimentos sociais. Sua importância está vinculada, entre outros aspectos, ao fato de que diferentemente da pequena parcela social alfabetizada que tinha acesso à circulação de informações através de jornais e revistas, por exemplo, a grande parcela da população carente do letramento necessário para compreender a palavra escrita valia-se da oralidade para conhecer o mundo.

Dirigida às classes populares urbanas, a literatura de cordel foi capaz, ao longo do tempo, de entretecer uma rede de relações entre diferentes sujeitos, compositores, vendedores, consumidores, orientando-os para o consumo simbólico de relatos que informam, divertem, denunciam e romantizam os acontecimentos que se sucedem dia após dia. Relatos impressos na materialidade de um folheto, cujo conteúdo por estar disposto em versos torna agradável a leitura em voz alta e a escuta atenta pela efemeridade da narrativa oral.

Leitura, enfim, na qual o ritmo não marca o texto, mas o grupo, e na qual o lido funciona não como ponto de chegada e fechamento do sentido, mas ao contrário, como ponto de partida, de reconhecimento e colocação em marcha da memória coletiva, uma memória que acaba refazendo o texto em função do contexto, *reescrevendo-o* ao utilizá-la

para falar do que o grupo vive (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 148. *Grifos do autor*).

Destaca-se, portanto, na literatura de cordel, o eixo oral/escrito. É que suas narrativas são construídas para serem declamadas, compostas por versos de distintas métricas, cujo ritmo tem cadência regular que provoca sonoridade harmoniosa aos ouvidos. O suporte utilizado para fazer circular a poesia matuta para além do momento em que é proferida são pequenos livretos, que em sua maioria possuem entre 8 e 32 páginas, tradicionalmente impressas em tipografias manuais ou industriais, expostos e comercializados aos milheiros nas feiras livres das cidades, sobretudo as interioranas.

O folheto de cordel, observado em sua dimensão técnica enquanto dispositivo material, constitui-se, nas palavras de Martín-Barbero (1997) como:

Um *meio* que à diferença do livro e *semelhança do periódico*, vai buscar seus leitores na rua. E que apresenta uma feitura na qual o *título* é reclame e motivação, publicidade; segue-se ao título um *resumo* que proporciona ao leitor as chaves do argumento ou as utilidades a que se presta, e uma gravura que explora já a "magia" da imagem (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 145. *Grifos do autor*).

Diante desse contexto, torna-se clara a competência que a literatura de cordel tem para informar. Inscrita no universo da comunicação popular, esse tipo de linguagem estética se desenvolveu através do imaginário, mas, sobretudo, a partir da realidade de quem produzia e ainda produz poesia popular na contemporaneidade. Trata-se de relatar as vivências experimentadas pelos cordelistas que tomam o cotidiano como fonte de informação para construir narrativas sobre as mais diversas temáticas.

Em relação ao conteúdo, a literatura de cordel faz circular relatos nos quais se aborda a vida familiar, social, econômica, cultural e política, as relações de trabalho e de vizinhança, a experiência da religião, do lazer, da saúde e do cotidiano. Para além de pensar o dispositivo por meio do qual as narrativas circulam é que Martín-Barbero (1997, p. 146) afirma que este tipo de produção cultural “não só é meio: a literatura de cordel é mediação. Por sua linguagem, que não é alta nem baixa, mas a mistura das duas”. A complexidade da circulação cultural perpassa por esse modo de narrar que exige formas mestiças de leituras.

Diante desse panorama histórico-cultural que Martín-Barbero (1997) desenvolve sobre a literatura de cordel, busca-se contextualizar o seu desenvolvimento a partir das especificidades da cultura cearense que integram a vasta obra do pesquisador brasileiro

Gilmar de Carvalho. O autor cearense atenta para o fato de que as manifestações culturais tradicionais do estado têm se atualizado pelo uso das mídias no interior do contexto da indústria cultural.

Sobre o desenvolvimento da literatura de cordel, Gilmar de Carvalho (2014) afirma que o Ceará a conheceu por meio dos colonizadores portugueses e destaca que a necessidade de narrar é uma característica que perpassa todas as culturas e civilizações, de todos os tempos e lugares. Com a propriedade de quem vivencia empírica e cientificamente essa realidade, Carvalho (2014) afirma que:

Nosso cordel é uma poesia da voz regada pela cantoria, pelo improviso da viola ou da rabeça que afina com trovadores, jograis, menestrelis, com a gesta trovadoresca. Da mesma forma que o cordel nunca foi exposto pendurado em cordões, mas no chão do mercado, nas calçadas das feiras, nos patamares das igrejas, onde quer que tivesse gente disposta a ouvir um trecho da história, interrompido pela advertência cínica ou pragmática de que quem quisesse saber o final do relato teria de adquirir um exemplar (CARVALHO, 2014, p. 269).

A literatura de cordel enquanto manifestação cultural popular cearense está inserida num circuito comunicacional mais amplo por meio do qual se efetiva o consumo material e simbólico dos folhetos e de narrativas. Em meados do século XIX, a imprensa é instalada no Ceará e faz circular diferentes relatos a partir da materialidade do papel. Segundo Carvalho (2014):

Essas mesmas máquinas que imprimiam jornais políticos e pouco atraentes, do ponto de vista gráfico-visual depois imprimiram os primeiros folhetos com rima, métrica e melodia, contando histórias que começaram pela adaptação dos clássicos que vinham na bagagem do colonizador, mas depois ganharam cor local e falaram de cangaceiros, Padre Cícero, secas, tanta coisa mais que cabe entre o céu que nos protege e a terra que nos fixa (CARVALHO, 2014, p. 269).

Ao narrar sua própria história, o povo constrói e faz circular elementos da memória coletiva enquanto fenômeno social que se expressa individual e coletivamente (HALBWACHS, 2013). Uma memória cultural que se materializa através da linguagem poética presente nos folhetos de cordéis permitindo que seu conteúdo seja acessado para além do momento em que foi produzido, perpetuando-se no tempo. No entanto, faz-se necessário atentar para os processos de atualização pelos quais passam as manifestações culturais dessa natureza, a partir do desenvolvimento tecnológico dos meios, da complexificação das mediações e da midiaticização da sociedade.

Diante desse contexto, Carvalho lança uma instigante pergunta ao mesmo tempo em que indica os possíveis caminhos para a resposta. “Como compatibilizar as tradições com a cultura de massas? Não existe receita para isso. Cada caso é um caso e cada comunidade resolve do seu jeito, com suas negociações, suas trocas, seus ganhos e suas barganhas” (2014, p. 271). Neste sentido, afirma que:

As discussões sobre as questões culturais no Ceará não se reduzem nem se esgotam na crítica das mídias, mais que veículos ou meios, um lugar privilegiado onde a sociedade se vê e se discute; o tal espelho de Narciso, a constatação de que diante da urbanização crescente, da explosão demográfica e de tantas complexidades dos dias de hoje, não seria possível o funcionamento da estrutura social sem esse aparato de mediações (CARVALHO, 2014, p. 271).

A literatura de cordel se apresenta, portanto, como umas das mais expressivas formas de comunicação popular no Nordeste. Por meio dela é possível apreender aquilo que as classes populares insistem em fazer perdurar através dos tempos, ao mesmo tempo em que se constitui como lugar de memória (NORA, 1993), esta dimensão que faz tensionar continuamente a lembrança e o esquecimento.

A cidade do Crato como lócus de mediações comunicativas

A cidade do Crato, localizada no extremo sul do Ceará, é um exemplo de cidade interiorana onde as manifestações culturais da tradição ainda se constituem como elemento importante da identidade do povo. Diante desse contexto, a cidade desenvolveu ao longo de sua história uma íntima relação com a literatura de cordel (OLIVEIRA, 2001; CRUZ, 2003). Lar de diversos poetas e poetisas populares, a cidade denominada a Princesa do Cariri viu nascer em 1991 a Academia dos Cordelistas do Crato (ACC), cuja sede fica situada na Avenida Maildes de Siqueira, no bairro Pimenta.

De acordo com Sousa (2018, p. 17), “dentro desse grupo existem 24 sócios efetivos, que valorizam o cordel e a xilogravura, sendo reconhecida como uma das mais importantes entidades filantrópicas que propaga o cordel em nosso país”. A autora, ao desenvolver reflexões acerca da história e memória da ACC, destacou a importância dessa entidade pelas funções que desempenha, ou seja, preservar, produzir e disseminar a literatura de cordel. Além disso, a produção literária da ACC se reveste também de “uma responsabilidade educativa, pois nas escolas seus cordéis são utilizados,

oferecendo diversos temas como: natureza, cangaço, dengue, personalidades, fatos históricos, política, podendo ser um rico recurso didático na sala de aula” (SOUSA, 2018, p. 17).

A Academia dos Cordelistas do Crato foi idealizada pelo cordelista, radialista e advogado cratense Elói Teles de Moraes. Entre os sócios-fundadores, destaca-se Josenir Alves de Lacerda ocupante da cadeira número 3, cujo patrono é o poeta juazeirense Enéas Duarte. A cordelista também é a primeira mulher caririense a integrar a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLCC), ocupando a cadeira número 37, cujo patrono é o paraibano José Soares (O Poeta Repórter).

Funcionária aposentada da Teleceará e artesã, a cordelista já havia publicado em 2011 mais de 70 cordéis, com destaque para “O Linguajar Cearense”, “De volta ao passado” e “A medicina no Cangaço”. No mesmo ano, a cordelista produziu o folheto de cordel “Vida e Arte de Raul Lampião do Crato”, composto por 8 páginas e 32 estrofes, impresso na Gráfica Coisas do Meu Sertão, localizada em Crato. Esse material será analisado na próxima seção do artigo.

Diante desse cenário, pode-se afirmar que a literatura de cordel enquanto prática social permanece ativa, revelando-se uma instância produtora de sentidos pela qual as classes populares fazem circular suas próprias narrativas. Antônio Hohlfeldt (2006) afirmava há mais de uma década que a comunicação produzida pelas classes populares e difundida através de seus meios e modos de expressão deve ser tomada como um conceito ativo que se manifesta concretamente na realidade social.

Segundo o autor, os segmentos populares, embora tenham adquirido acesso aos meios de comunicação tradicionais, podem não se sentirem plenamente atendidos e por isso “negam-se a eles, ou enfim, e, sobretudo, hoje em dia, valem-se deles apenas como uma fonte a mais para a sua inspiração, criação, qualificação e ampliação de suas próprias estratégias” (HOHLFELDT, 2006, p. 66). Sendo assim, a literatura de cordel se configura como uma dessas comunicações de caráter popular que não abre mão de seus versos, rimas e métricas para fazer circular suas narrativas, embora coexista com outros tipos de comunicação que se desenvolvem sob a égide tecnológica.

Vida e arte de Raul Lampião do Crato: a mediação do local

A teoria de comunicação proposta por Martín-Barbero (2004, p. 18) ao longo de sua trajetória investigativa para o estudo das mediações se configura como “um mapa para indagar a dominação, a produção e o trabalho, mas a partir do outro lado: o das brechas, o do prazer”. Um mapa não para a fuga, mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos, para mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas.

Na perspectiva de Lopes (2019), as contribuições de um ‘cartógrafo mestiço’ como Martín-Barbero, possibilitam novas formas de abordar as práticas comunicacionais e culturais latino-americanas. Trata-se, portanto, de “[...] abordagens que reivindicam a importância do papel das periferias num novo mapa global, onde os novos cartógrafos se utilizam do discurso da diversidade e da resistência” (LOPES, 2019, p. 34).

A atualização dos mapas metodológicos ao longo dos anos se configura como um aspecto importante na tentativa de compreender a dinamicidade das relações entre comunicação e sociedade. O próprio conceito de mediação se transforma para tentar captar a complexidade que os processos comunicativos apresentam quando são percebidos em contextos historicamente situados. Neste sentido:

As mediações devem ser entendidas como processos estruturantes que configuram e reconfiguram tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos. Elas exigem pensar ao mesmo tempo o espaço da produção assim como o tempo do consumo, ambos articulados pela vida cotidiana (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos das mídias envolvidas (LOPES, 2019, p. 47).

Diante desse contexto, recorre-se às mediações comunicativas da cultura como uma estratégia flexível e crítica para analisar a produção narrativa do folheto de cordel “Vida e Arte de Raul Lampião do Crato”. O folheto em questão é composto por 32 estrofes de sextilhas, distribuídas em quatro páginas. A primeira capa é ilustrada por uma xilogravura produzida por Carlos Henrique Soares, na qual se revela a imagem de Raul Lampião do Crato e Maria Bonita, personagens interpretadas por Antônio Carlos Ricardo da Silva e sua esposa Maria Lidiane Alexandrino, respectivamente.

Figura 1: Capa de folheto de cordel

Fonte: arquivo das pesquisadoras.

Na imagem, ambos estão devidamente caracterizados com a indumentária cangaceira composta por chapéu e acessórios em couro. A apresentação do folheto, localizada na terceira e em parte da quarta capa, se configura como uma espécie de prefácio e é de autoria do jornalista e pesquisador Paulo Ernesto Arrais. Na quarta capa relacionam-se os anunciantes. Neste primeiro momento é importante ressaltar que os elementos descritos acima evidenciam alguns aspectos importantes que permeiam a construção de sentidos, elementos esses que dialogam diretamente com a produção, circulação e consumo da narrativa.

O primeiro aspecto exerce relação direta com a produção discursiva. Trata-se de perceber que no cordel analisado não figura apenas a voz enunciativa da cordelista que produz os versos. Ela é, sem dúvida, a condutora central da narrativa, mas seu discurso dialoga também com a imagem produzida pelo xilógrafo e com as palavras do prefaciador do folheto, enquanto elementos constitutivos da obra. A coerência desse diálogo gira, portanto, em torno do personagem Raul Lampião do Crato enquanto figura conhecida pelos três enunciadores citados anteriormente. Se algum deles não tivesse conhecimento aprofundado sobre a temática, a complementaridade dos sentidos de cada enunciado estaria comprometida.

O segundo aspecto é contextual, ou seja, externo ao discurso. Trata-se do fato de o folheto de cordel ter sido produzido em 2011. Dois anos antes, Raul Lampião do Crato, já havia se tornado personagem de uma narrativa midiática veiculada por um jornal impresso de grande circulação no Ceará. A matéria intitulada “Cantor interpreta misto de Raul Seixas e Lampião”, foi produzida pelo jornalista Antônio Vicelmo, em maio de 2009, cuja versão online do jornal viabilizou a propagação de conteúdo sobre o personagem por uma infinita rede de acesso por meio da internet.

A análise desses pontos demonstra, de forma prática, como a literatura de cordel faz convergir lógicas discursivas distintas, mas complementares, ao articular enunciados que se expressam através da palavra e da imagem. Além disso, é possível perceber que esse tipo de comunicação tem coexistido com as novas formas de interação social que se desenvolvem por meio das mídias tradicionais e digitais.

Sua função social, antes ligada ao acesso às informações por parte das populações que não tinham acesso aos meios de comunicação de massa, se transformou ao longo dos anos numa espécie de mecanismo de visibilidade e valorização dos agentes e questões sociais que permeiam a vida cotidiana. Desde que a internet proporcionou a circulação de informações em escala global, a literatura de cordel também alcançou essas redes técnicas midiáticas no sentido de propagação de folhetos em versões digitais.

No entanto, faz-se necessário esclarecer que, mesmo que as condições de produção se modifiquem e a função social da mídia se transforme, a literatura de cordel ainda se manifesta como uma comunicação eminentemente popular, realizada por especialistas em poesia matuta, uma vez que a descrição e interpretação de fatos sociais organizadas em versos não é uma prática dominada por todos.

É válido destacar ainda as relações econômicas que permeiam a produção e o consumo de folhetos de cordel. A relação desses veículos de comunicação popular com os anunciantes segue, num primeiro momento, a mesma ordem econômica das mídias tradicionais, ou seja, investimento financeiro em troca de visibilidade midiática. O que diferencia as relações de negócio nesses dois contextos é o fato de que na divulgação da literatura de cordel destaca-se o baixo custo do serviço publicitário em relação às mídias de massa, a responsabilidade social de incentivo à cultura como valor agregado à marca, bem como a relação de proximidade entre cordelista e anunciante, papéis que por vezes coincidem.

O folheto de cordel analisado possui quatro anunciantes do comércio local: Farmácias Gentil, Raimundinho Construções, Espaço Cordel e Arte e o serviço de xilogravura do artista Carlos Henrique Soares. Vale ressaltar, neste caso, que os dois últimos anunciantes se referem à própria cordelista que anuncia seu espaço de comercialização de folhetos e peças de artesanato e ao xilógrafo que produziu a arte que ilustra a capa do folheto. A comercialização de cordéis na cidade do Crato se dá pela venda direta realizada pelos cordelistas aos clientes, e também pela disponibilização das obras em bancas de jornais e revistas, feiras livres, farmácias, livrarias e internet.

Em relação ao conteúdo, as primeiras estrofes se destinam a apresentação da temática para o leitor, na tentativa de despertar seu interesse no assunto. Parte-se, então, do contexto geral para o particular, descrevendo as características próprias de pessoas que podem ser tomadas como exemplo na busca pela felicidade e no compromisso social que assumem diante da vida, como ocorre na primeira estrofe do folheto, apresentada na abertura desse trabalho. Em seguida, a cordelista começa a revelar aspectos particulares sobre quem está falando, provocando no leitor um misto de incerteza e curiosidade. Na quarta estrofe, está exposto:

“Ele que já é figura
forte, real e notória
merece ter registrada
sua saga e trajetória
assim assumo o papel
de consagrar no cordel
essa interessante história”.

Nesse momento, embora ainda não revele o nome do personagem ao qual se refere, Josenir Lacerda busca justificar a importância do assunto que relata, utilizando para isso adjetivos que atestam a representatividade, a concretude e a relevância do tema abordado. Nos versos finais, a cordelista se afirma como pessoa capaz de tomar a palavra, enquanto especialista da literatura de cordel, destacando o aspecto legitimador desse dispositivo comunicacional. O intérprete tem sua identidade revelada na quinta estrofe, o que não significa, porém, que já possa ser reconhecido de fato como o personagem pelo qual é conhecido.

“Antônio Carlos Ricardo
da Silva, é seu nome extenso
pouca gente sabe disso
pelo menos assim penso

mas é popular de fato
porque nas ruas do Crato
doa alegria e bom senso”.

Nota-se que a cordelista introduz uma informação nova ao acontecimento relatado, evidenciando para o leitor que ela se constitui enquanto fonte privilegiada, uma vez que o tipo de informação que possui e divulga nesse momento até então não seria de domínio público. Nesse sentido, Oliveira (2016) já havia demonstrado que isso ocorre porque desde que criou o personagem em 2009, Antônio Carlos se apresenta a quem quer que seja com seu nome artístico. Chamá-lo pelo nome de Antônio Carlos é algo que ficou restrito aos parentes e amigos residentes em Itapajé, sua cidade natal. “Não há outra referência nominal que possa identificá-lo junto aos comerciantes e transeuntes que circulam no centro da cidade do Crato, nem mesmo seu nome de batismo” (OLIVEIRA, 2016, p. 36).

Na sexta e sétima estrofe, está exposto:

“É a história real
de um cearense guerreiro
dono de tão bom caráter
que se doa por inteiro
com limitada estrutura
defende e apóia a cultura
dela se faz mensageiro

Ele é artista de rua
seu ganha-pão é a arte
usa a mesma como escola
conhecimentos reparte
anseia paz e mudança
ao nutrir essa esperança
faz com zelo a sua parte”.

Nesse trecho, nota-se um esforço por parte da instância de produção em convencer o leitor de que a narrativa é sobre um acontecimento real, historicamente situado no presente. Na oitava e nona estrofe é narrado:

“Aos sete anos de idade
Ouvia o pai escutar
No velho rádio ABC
Luiz Gonzaga cantar
Desde essa data então
O nosso rei do baião
Começou a admirar.

E essa admiração
Dividiu sem deixar queixas
Com um valioso artista
De barba e negras madeixas
Cantor e compositor
Núncio de paz e amor
O eterno Raul Seixas”.

Neste excerto e ao longo das próximas onze estrofes, a cordelista se volta para o passado, numa espécie de retrospectiva, visando apresentar fatos antigos que influenciaram a constituição do personagem, antes de Antônio Carlos Ricardo da Silva estabelecer residência na cidade do Crato. Trata-se de um contexto que não foi partilhado entre a cordelista e o personagem. A narrativa se volta para o passado, a autora busca reconstituir os fatos vividos que, devido ao lapso temporal, só podem ser acionados a partir do outro, daquele que vivenciou a experiência e pode relatá-la no presente por um testemunho, recurso importante para a produção de discursos informativos como este. Na 21ª e 22ª estrofe, está exposto:

“Veio para o Cariri
Encantou-se com o Crato
Iniciou nova história
Revelou novo retrato
Recebeu boa acolhida
Viu surgir em sua vida
Mais essência e substrato.

Adotou um figurino
com chapéu de cangaceiro
óculos escuro e barba
paletó de cavalheiro
bota de cano comprido
um personagem querido
animando o Crato inteiro”.

Esses fragmentos revelam quando a narrativa retorna para o tempo presente, ou seja, ambos compartilham um contexto de co-presença e os acontecimentos, a partir desse momento, puderam ser observados *in loco* pela cordelista que passou a acompanhar o processo, antes apenas descrito, constituindo-se, remodelando-se. Por essa razão, nas próximas seis estrofes, ela se refere a ele em tom de proximidade, descreve-o como a um conterrâneo, cujas atividades acompanha de perto.

“Nosso Raul Lampião
desde a manhã ao sol posto

preserva a alegria
mantém o riso no rosto
discípulo de ‘Gentileza’
protetor da natureza
cumpre essa missão com gosto.

Trata com o mesmo carinho
Criança, jovem ancião
Enfrenta o seu dia a dia
Com fé e disposição
Dissemina o otimismo
Faz arte com altruísmo
Põe amor em cada ação.

É um bravo cangaceiro
em missão bem diferente
combate a corrupção
é centrado e consciente
defensor da ecologia
faz apelo, contagia
incentiva a ir em frente.

Sempre tem justo recado
No alerta a juventude:
‘Dirigir alcoolizado
É idiota atitude
Paredão, racha noturno
Tem resultado soturno
Destrói a vida e a saúde’.

O seu sonho é ver o povo
Lutar por um ideal
Deixar de vender o voto
Tem compreensão total
Pra perante a eleição
Agir feito cidadão
Pleno de brio e moral.

Faz questão de comentar
em cada evento que faz
que é inimigo da droga
lutar contra ela é capaz
nessa luta é voluntário
potente, reacionário
entusiasta e loquaz”.

Esse trecho expõe a natureza social das práticas comunicativas empreendidas pelo personagem, diferentemente de narrativas midiáticas que relataram a história de vida de Raul Lampião. Oliveira (2016) já observava que esses relatos expuseram a imagem do personagem vinculada aos elementos e características de natureza

econômica, evidenciando apenas o fato de o personagem adotar um referencial artístico no desenvolvimento de sua ocupação profissional, distinguindo-se de seus concorrentes.

Diante desse contexto, pode-se compreender que Josenir Lacerda, em sua construção enunciativa, escolheu evidenciar aspectos diferentes daqueles relatos já construídos sobre Raul Lampião. Os diferentes ângulos de visão sobre os acontecimentos permitem que cada instância enunciativa descreva os fatos à sua maneira, posicione-se diante deles e revele certas nuances em detrimento de outras, aspectos que não invalidam nenhum desses relatos, apenas deixam transparecer que todo discurso é assumido por um sujeito. As últimas estrofes do folheto revelam:

“O teor desse cordel
Tem no foco Lampião
Que acata a quem critica
Pede ideia e sugestão
Diz que cada criatura
Fica mais forte e segura
No conselho e opinião.

Arranjou uma companheira
que adota a sua linha
vestida de cangaceira
ao seu lado ela caminha
essa Maria Bonita
usa flor, laço de fita
no seu peito, o amor se aninha.

O casal conduz a vida
A semear paz e bem
Sem temer o empecilho
E sem escolher a quem
Guerreiro do bom combate
Não desiste, nem se abate
Certo que a colheita vem.

Parabéns Antônio Carlos
Por essa missão sublime
Que diverte e orienta
Anima, educa e redime
Que ela se fortaleça
Receba apoio e mais cresça
Vire um invencível time”.

A cordelista finaliza sua narrativa explicitando sua opinião sobre aquilo que relata. Ao emitir juízos de valor, demonstra cumplicidade em relação ao personagem por meio de comentários elogiosos sobre a conduta de Raul Lampião do Crato. Essa

postura assumida pela instância da produção discursiva dialoga diretamente com a construção social de sentidos que ocorrem no interior das relações comunicativas desenvolvidas entre sujeitos.

Considerações finais

Em trabalhos anteriores sobre Raul Lampião do Crato (OLIVEIRA, 2016), especulou-se sobre o fato de diversas narrativas midiáticas destacarem muito mais o aspecto pitoresco que se avoluma no personagem do que em suas operações práticas no contexto social. Cada um desses relatos, produzidos por diferentes instâncias enunciativas, constitui-se como versões do real, que atendem aos critérios e características próprias dos meios pelos quais foram veiculadas.

É fato que não se pode perder de vista que a ação prioritária do personagem é a propaganda volante, meio pelo qual garante o próprio sustento. Muito mais do que empatia, a adoção de um personagem, cujas características são marcantes no imaginário popular, constituiu-se como uma estratégia de mediação capaz de estimular o consumo e construir uma rede de informações capaz de gerar relações de trocas, sejam materiais ou simbólicas.

Diante desse contexto, considera-se o fato de Raul Lampião ter tido sua história narrada pela literatura de cordel como um efetivo gesto de legitimidade e valorização de sua arte, um fazer que fora pouco explorado pelas demais narrativas midiáticas das quais também foi personagem. Esta é uma clara referência de como esse tipo de comunicação popular se constitui como dispositivo de mediação do local. A narrativa analisada a partir da teoria das mediações revela e visibiliza a astúcia do homem comum que busca o sustento por meios próprios, adaptando suas habilidades para o mercado sem abrir mão de sua autoafirmação criativa.

Conclui-se, portanto, que a literatura de cordel, apesar de figurar de forma pontual, localizada e paralela às narrativas produzidas e veiculadas pelas mídias tradicionais e digitais na contemporaneidade, constitui-se como lugar privilegiado de mediação, sobretudo para fazer circular as questões cotidianas que permeiam o tecido social.

Referências

CARVALHO, G. Questões Culturais. In: **Revista de ciências sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, 2014, p. 263-275.

CRUZ, M. R. L. **Reflexões sobre a literatura de cordel na região do Cariri**. Monografia de especialização. URCA. 2003.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2 ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HOHLFELDT, A. Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século. In: SCHMIT, C. (Org.). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006).

LACERDA, J. A. **Vida e Arte de Raul Lampião do Crato** [Folheto] / Josenir Alves de Lacerda; Xilogravura Carlos Henrique. Crato, Ceará. 2011.

LOPES, M. I. V. A teoria barberiana da comunicação. In: TRINDADE, E. LACERDA DE SOUSA, J. FERNANDES, M. L (Orgs.). **Entre comunicação e mediações: visões teóricas e empíricas**. São Paulo: ECA-USP, 2019; Campina Grande: Ed. da UEPB, 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.1993.

OLIVEIRA, D. S. **Raul Lampião do Crato: as práticas comunicativas de um personagem em performance**. 2016. 115f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Fortaleza (CE), 2016.

OLIVEIRA, J. E. B. **A literatura de cordel no novo espaço urbano no Ceará: trajetória, rupturas e inovações**. Tese (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2001.

SOUSA, C. C. **Academia dos cordelistas do Crato: história, memória e educação (1991-2016)**. 2018. 242f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2018.